

MISS MULATA: A DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO E A IDENTIDADE NEGRA EM UM CONCURSO DE BELEZA (1969-1999), RS

BEATRIZ FLOÔR QUADRADO¹; ELISABETE DA COSTA LEAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – biafloor@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas– elisabeteleal@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de pesquisa tem como temática o concurso de beleza intitulado “Miss Mulata” da cidade de Arroio Grande, região sul do Rio Grande do sul. O concurso tem origem em 1969 e seu último ano de realização foi 1999, sendo que em 1989 deixa de abranger apenas a região sul para se tornar Estadual. O estudo está sendo realizado no Mestrado em História na linha de pesquisa “Política e Estado”, levando em conta a história da luta negra sobre a estética, o que se percebe por meio de vários movimentos, até mesmo internacional, como “Black is Beautiful” nos Estados Unidos.

Segundo entrevistados, o concurso tinha o objetivo valorizar a beleza da mulher negra, e é nesta questão, levando em conta a trajetória da mulher negra e da criação da mulata na história brasileira, que se coloca o seguinte problema: até que ponto o concurso pode contribuir para o fim do racismo e preconceitos sobre a mulher negra nas regiões que abrange, levando em conta, principalmente a terminologia utilizada para denominação do mesmo?

O principal objetivo da pesquisa é entender o uso da terminologia “mulata” para o concurso junto à identidade, do grupo, em relação à negritude, tendo em vista a participação de fundadores do concurso, e também candidatas, no Clube Guarani, clube negro da cidade; mas também levando em consideração épocas, histórias e a diversidade dos grupos negros. São abordados conceitos como o racismo e suas formas de ação opressora, como um conteúdo ideológico sobre o biológico (MUNANGA, 2008). É relevante para o trabalho pensar sobre identidade, seja ela de grupos negros, como também a questão nacional: “[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade.” (MUNANGA, 2008, p.15). Havia uma concepção de negatividade da presença negra para a constituição da identidade nacional, para isso cria-se a uma nova categoria étnica para o país: o mestiço. É um período marcado pela supervalorização do branco, em uma posição de poder; que acaba moldando padrões europeizados, inclusive na estética (SOVIK, 2009).

Para tratar da problemática, especificamente, é essencial os estudos de Stuart Hall, destacando suas ideias sobre representação, linguagem em que se utiliza constantemente da semiótica de Saussure, assim como questões ligadas à negritude e identidade. Para o autor o significado da linguagem pode ser reapropriado, ou seja, não pode ser fixado definitivamente.

Por muitos séculos, sociedades ocidentais associaram a palavra PRETO com tudo o que era escuro, mal, proibido, diabólico, perigoso e pecaminoso. Contudo, pense em como a percepção das pessoas negras na América na década de 60 mudou depois que a frase “Preto é bonito” (“Black is beautiful”) se tornou um slogan famoso onde o significante, PRETO, foi levado a significar o sentido exatamente oposto (significado) às suas associações prévias. (HALL, 1997, p.21)

Desta forma a presente pesquisa busca trabalhar com a terminologia utilizada junto às explicações teóricas sobre linguagem e o significado a partir do grupo específico que envolve o concurso.

2. METODOLOGIA

Até o presente momento foram realizadas duas entrevistas com o fundador do concurso, e mais quatro entre candidatas e eleitas no concurso. Sendo que já estão sendo mantidos novos contatos, para futuras entrevistas. A principal metodologia do trabalho é a História Oral. Sabe-se o quanto este método se tornou relevante para a História, em especial, “como uma verdadeira ‘alternativa’ para divulgar a história daqueles que não foram registrados objetivamente nas histórias oficiais, nacionais ou internacionais.” (FERREIRA; AMLIM, 1998, p.22), um meio de abarcar os explorados e os discursos subalternos. E mais, segundo Portelli (2004) o contar uma história preserva o narrador do esquecimento, e faz parte da construção da identidade. Obviamente que a narração não é a realidade “verdadeira”, no sentido de não haver intenções, fatos não-ditos, enfim, até mesmo esquecimentos, sejam eles propositais ou não.

Levando a destacar neste trabalho, em específico, as diferenças da entrevistadora com suas fontes de entrevista, no que tange raça, cor e idade, ou seja, a maioria dos entrevistados narraram suas memórias à uma jovem historiadora não negra. Provavelmente foi relevante para a exposição das narrações, assim como para a postura da entrevistadora, que deve perceber esta diferença, e jamais negá-la.

Outras fontes também foram disponibilizadas, e, conseqüentemente, serão analisadas, como fotografias; um vídeo do concurso de 1998, com entrevistas e a gravação do próprio desfile; e um panfleto que circulou durante os anos de 1989 para destacar o evento em âmbito Estadual. Está sendo analisado também o jornal “A Evolução”, publicado na cidade de Arroio Grande, que cobriu todos os anos do concurso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando um entendimento para o problema proposto sobre a terminologia utilizada, se faz relevante um levantamento a respeito da construção da mulata, ou mestiça, na sociedade brasileira, tendo em vista a formação de identidades. O mulato é concebido, de maneira ilusória, com certa superioridade sobre os negros, mas inferiores aos brancos. A Terminologia “mulata” tem origem pejorativa, seria uma forma de “higienização” da sociedade, através do “sangue branco”, mas preservando a sensualidade e malícia da negra. Ou seja, a mulata como objeto de desejo. “[...] foi construída uma mulata puro corpo, ou sexo, não ‘engendrado’ socialmente.” (CORRÊA, 1996, p.40). Mostra-se relevante a ligação direta com o corpo, marcado por estigmas que classificam negativamente esta mulher dita mestiça.

Precisa-se colocar que as relações raciais no Rio Grande do Sul devem ser analisadas de maneira especial. Por muitos anos foi negada a escravidão, ou seja, foi construído um pensamento de que neste Estado a escravidão era menos violenta. Também se fez acreditar em um número reduzido da população negra

como integrante da sociedade. Um espaço que, até mesmo pela forte imigração, predominou e dominou a identificação com lusos e platinos. Por volta de 1930, enquanto o país construía uma identidade nacional ligada à mestiçagem, no Rio Grande do Sul, se minimizava a presença negra.

É de extrema relevância destacar que “[...] para o negro, o estético é indissociável do político.” (GOMES, 2008, p.130). Os grupos negros vão se organizar de diversas maneiras contra a dominação colonial, e a segregação na sociedade, surgindo durante o século XX movimentos negros de diversos vieses. Alguns grupos vão de destacar no movimento negro no país, como o Teatro experimental do Negro, TEN (Rio de Janeiro, 1940); o Ilê Aiyê (Bahia, 1970); Movimento Negro Unificado; além dos movimentos clubistas, jornais, e até mesmo concursos de beleza, entre outras formas de luta.

Modos de preconceito e discriminação estão calcados em teorias do poder colonial. O principal meio para a dominação foi o terror e a desumanização do ser colono, mais especificamente do negro colonizado:

Em outras palavras, começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco [...] (FANON, 2008, p. 94)

Foi preciso também voltar-se ao idealizador do concurso, e entender como e porque fundou um concurso de beleza especificamente voltado para a mulher negra e com a denominação “mulata”. Percebe-se então que trata-se de sua própria trajetória de vida, filho de mãe negra que apesar de conflitos familiares, se casou com um homem branco. Ele valoriza sua mãe, ressaltando sua boa vestimenta, e se autodefinindo como negro, apesar de não ser “puro”, ou seja, um mestiço ou mulato que enfatiza sua identidade negra no símbolo da cor.

Ressalta-se, também, a idéia posta por Weimer (2013) que a categoria “negro”, não só no passado, remete à uma ligação com a escravidão, ou ao pós abolição. Por isso, por vezes a rejeição à esta terminologia. Enfim, tudo que era negado devido ao preconceito racial foi construídos pelos mesmos, de maneira estratégica, uma reapropriação de si por meio da apropriação do que foi criado contra o grupo em questão. E sobre o concurso, o que se percebe é uma busca por utilizar estratégias em favor de mulheres negras, utilizando-se a nomenclatura “mulata”, mas o foco de valorização são sobre símbolos negros. Desta forma algo que foi apropriado de forma negativa pelo poder colonial, mas que agora foi reapropriado pela população negra, em especial pelas mulheres.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa destaca-se por seu caráter de levar como relevante as próprias adefinições dos indivíduos, buscando entender estas por meio de sua trajetória e de processos históricos comuns à grupos negros, levando em conta a diversidade do mesmo. Neste trabalho foi relevante respeitar e analisar as colocações dos entrevistados e do grupo em questão, que compõe a história do Miss Mulata. Muitos movimentos, e grupos, não são a favor destes eventos, com a justificativa de que aumenta ou origina uma disputa entre as mulheres, além de construir e afirmar estereótipos, independente da natureza do concurso. Deve-se levar em

consideração a relevância que houve para o grupo estudado, também compartilhado por outros, como o bloco Ilê Ayê da Bahia, que há 36 anos escolhe uma rainha, representando o bloco no evento chamado “Noite da Beleza Negra”. No mesmo caminho, o “Miss Mulata Cheirosa” em Belém do Pará, que ocorre durante os festejos Juninos. Aos grupos que aderem a tais concursos, observa-se a relação de auto-estima, representatividade, solidariedade entre candidatas e valorização da beleza negra por parte do grupo. Também se percebe um fator importante no que tange a escolha da temática, os estudos sobre gênero, raça e estética no Estado do Rio Grande do Sul é limitado, pouco discutido, ainda mais na região sul. É importante levar-se em conta que o concurso Miss Mulata analisado é uma forma de estratégia étnico-social com graus variados de passividade perante as representações, além de uma forma valorização do grupo envolto no concurso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da Mulata**. Cadernos Pagu (6-7). 1996. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/invencao_da_mulata.pdf> Acesso em: 3 Set. 2012.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Jonatas; HAMLIM, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados**. Estudos Feministas, Florianópolis, 18(3): 336, setembro-dezembro/2010
- GOMES, Nilma Nilo. **Sem Perder a Raíz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org.) **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. Pág. 15-64
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. ‘O momento da minha vida’: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p. 296-313
- SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- WEIMER, Rodrigo. **Ser “moreno”, ser “negro”: memórias de experiência de racialização no litoral norte do Rio Grande do Sul no século XX**. Est. Hist., Rio de Janeiro, v,26, nº 52, p. 409-428, julho-dezembro de 2013.